



UMA ESPIRITUALIDADE ENCARNADA

Wanda Deifelt¹

*“O espaço que o meu corpo ocupa
possui tanto movimento
que eu me movo
sem ao menos me mexer”*

(Beth Caetano, bailarina e cadeirante)

Nossos tempos são marcados por uma economia de carência. Enfocamos no que nos falta e não no que temos. É verdade que há um espaço delicado, dedicado a processar a ausência e a perda. Na teologia prática, estes traumas são abordados através da poimênica. Mas não é desta dor que falo e não é este vazio que problematizo. O que me preocupa é a falta – esta ausência ou carência – que leva à necessidade de compensar, de preencher vazios físicos e emocionais com coisas efêmeras. Preenchemos a falta de contato físico passando horas olhando as telas de nossos celulares, a ausência de juventude com truques de maquiagem ou cirurgias plásticas e a falta de um sentido de vida enfocando na vida alheia. O vazio é suprido temporariamente porque é alimentado por uma sociedade de consumo baseada nas leis de mercado capitalistas.

Minha contribuição para a temática “espiritualidade, corpo e gênero” é refletir sobre uma espiritualidade encarnada, partindo de uma economia da graça e da abundância, daquilo que temos e compartilhamos.² Usando marcos teóricos da corporeidade e mediados pela análise gênero e os estudos sobre deficiência (*disability studies*), lanço a pergunta: O que acontece com pessoas que aparentam não se enquadrar nesta abundância, cuja existência é definida ou reduzida por algum impedimento físico, mental, intelectual ou sensorial?³

¹ Doutora em Teologia pelo Garrett Evangelical Seminary/Northwestern University, Evanston/Illinois (1990), é professora do Luther College, Decorah/Iowa, Estados Unidos da América. Contato: deifwa01@luther.edu

² A base para este artigo é a palestra proferida por ocasião do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, no GT Espiritualidade, Corpo e Gênero em Agosto de 2021. Agradeço ao Prof. Dr. Júlio César Adam pelo convite e ao Prof. Dr. Louis Marcelo Illenseer por organizar as atividades deste GT.

³ Emprego a terminologia “pessoa com deficiência” usando os parâmetros da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, proclamada pela ONU em 2006, que define: “Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interações com diversas barreiras, podem obstruir sua

O tema me parece oportuno. Anualmente comemoramos a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla.⁴ Estabelecemos jogos paraolímpicos para celebrar a superação dos limites impostos por deficiências. Adotamos normas e leis que permitem acessibilidade. Mas além do campo prático ou pragmático, a experiência do limite físico ou intelectual é também uma lição de vida a partir da fragilidade. A luta pela dignidade se dá de um modo construtivo, enfatizando que a vida é mais do que os seus limites. Esta perspectiva está na base de uma espiritualidade encarnada.

Corporeidade

Início com um poema escrito pela Ivone Gebara, sobre o corpo:

“O *corpo* é minha história e meu destino; é minha vida e morte; O corpo é meu amor, minha paixão, liberdade, igualdade, fraternidade, sororidade, esperança, saudade. O corpo é minha carne, meu sexo, meu trabalho, minha cidade, meu país, meu mundo, minha terra, meu planeta, minha galáxia. O corpo é meu igual, meu diferente, meu indiferente, meu mais, meu menos, meu multiplicado, meu subtraído. O corpo é meu teorema, minha hipótese, tese, antítese, síntese, dialética, demonstração, alucinação. O corpo é minha letra, linguagem, literatura, leitura, escritura. O corpo é minha dor, angústia, lágrima, saliva... O corpo é meu filho, minha mãe, meu pai, minha avó. O corpo é meu mito, meu rito, minha ética, poética, religião, invenção. O corpo é minha guerra, minha paz, ventania, calma, nostalgia”.⁵

O conceito de *corporeidade* é coextensivo à vida. Como já dizia Hugo Assmann, em seu livro *Paradigmas educacionais e corporeidade*, nossa corporeidade é criadora e fabuladora do “real”.⁶ Quando refletimos sobre corporeidade superamos a dicotomia entre mente e corpo, entre fora e dentro, uma vez que a corporeidade nos ajuda a nomear, criticar e superar tais dualismos. Através da corporeidade é possível desvelar mistérios e compreender os mecanismos do funcionamento do cérebro-mente e de sua relação com a saúde, com a felicidade, com o mundo todo. *Corporeidade* refere à casa, aos espaços em que vivemos, ocupamos e que são relevantes para a vida: o corpo pessoal, o corpo social e político, o corpo cósmico. Corporeidade não é a tentativa de subjugar

participação plena e efetiva na sociedade e com as demais pessoas.” Veja o texto completo em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192

⁴ No Brasil, a data foi instituída pela [Lei nº 13.585/2.017](#) e visa ao desenvolvimento de conteúdos para conscientizar a sociedade sobre as necessidades específicas de organização social e de políticas públicas para promover a inclusão social desse segmento populacional e para combater o preconceito e a discriminação.

⁵ GEBARA, Ivone. “Caminho da torre, caminho das aldeias”. In: *Tempo e Presença*. Nº 322, março/abril de 2002, 28-29.

⁶ ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 3ª edição. Piracicaba: UNIMEP, 1995, 67-68.

corpos segundo preceitos estéticos, atléticos ou seguindo os padrões de moda, mas é o resultado de uma visão integral tanto para a vida humana quanto para o futuro do nosso planeta. Corporeidade não significa colocar o corpo em um molde, como uma fôrma, mas de desenvolver uma perspectiva mais ampla do corpo e suas múltiplas facetas e relações – de si para consigo, de si para com o outro e a outra, de si para com o mundo. É justamente esta interação que permite a criatividade e a resiliência, presentes na experiência somática.

Ao invés de moldes, a ênfase é a realidade da qualidade de vida e na percepção que esta vida também vai se deteriorando e sendo continuamente recriada.⁷ A pergunta pela qualidade de vida é uma das constantes para os estudos da corporeidade e da deficiência, para as teologias contextuais e contemporâneas e também para múltiplas práticas de espiritualidade. Refletir sobre a qualidade de vida inclui perguntas pela condição humana e seu bem-estar, pela saúde dos espaços que habitamos, pelo nexos das relações que estabelecemos. Fazer sentido de tudo isto requer uma espiritualidade encarnada.

O problema é que herdamos uma cultura greco-romana que insiste nas polaridades e que opera a partir de dualismos: mente-corpo, espírito-carne, homem-mulher, dentro-fora, branco-negro, rico-pobre, ativo-passivo, forte-fraco, perfeito-imperfeito, bonito-feio, saudável-doente, vivo-morto. O primeiro sempre é superior ao segundo e não há espaço para ambiguidade. Não há lugar para o que João Guimarães Rosa, em seu livro *Grande Sertão: Veredas* descrevia como o espaço entre os dois, a travessia.

Para ver a conexão entre os diferentes corpos, ou seja, como o corpo pessoal, social, e estrutural estão imbricados, tomemos como exemplo a palavra cabeça. Se eu digo cabeça, logo pensamos em termos hierárquicos. A cabeça é contraposta ao resto do corpo, mantendo-o sob controle. É como se ela determinasse onde o corpo vai, sendo o corpo somente o meio de transporte para levar a mente de um lugar ao outro. A palavra cabeça vem do Latim *caput*, que dependendo do contexto pode significar a extremidade física ou a parte superior de alguma coisa. De *caput* (cabeça) vem a palavra capital, onde está a sede administrava de um estado ou país. Quem não se criou na capital, mas no interior (ou na roça), como eu, sabe desta hierarquia social. Ser da capital significa ser mais e melhor, pois na capital se realizam as atividades mais importantes. É ali que se dá a cultura, onde se tomam as decisões, onde se encontra o poder. Ser da capital é fino, ser do interior, da roça, é tosco.

⁷ AGAMBEN, Giorgio. *The Use of Bodies*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

De *caput* (cabeça) também vem o substantivo masculino, o capital, sobre o qual Karl Marx já escrevia. Em sua obra, *Das Kapital*, Marx discorreu sobre o modo de produção capitalista e explicou como o conjunto de bens materiais produzidos serve para expropriar a mão de obra trabalhadora. O capital justifica extorquir seres humanos de sua capacidade produtora, de sua criatividade e engenhosidade para assegurar lucro. Também aqui capital faz a cabeça ao colocar lucro e ganância acima de tudo. Colocamos corpo a serviço de capital e bem estar social a serviço de interesses privados.

Uma única palavra – cabeça – exemplifica a complexidade dos múltiplos corpos que habitamos e a hierarquia com que estes corpos são tratados. Nestas dicotomias, percebemos que há um sequestro da substância dos corpos reais.⁸ O corpo real – com suas forças e fraquezas – é substituído pela versão imagética do corpo – uma versão editada, digitalizada e fora da realidade que faz submergir os corpos reais, que são sujeitos históricos, que realmente gozam, sofrem, riem, choram, vivem e morrem. O sofrimento do corpo, ou o corpo em dor, é escandaloso.⁹ Por isto ou ele é escondido (em instituições como hospitais e asilos) ou ele exposto, como um alvo, para manter o corpo sob controle (no caso de atletas). De uma maneira ou de outra, o corpo se torna uma mercadoria exótica. No entanto, a transitoriedade e liminalidade são parte da corporeidade. Corpo tem estrias, varizes e dores musculares; tem limitações. Corpo tem sensibilidade, responde a estímulos, tem prazer. O corpo real é perfeito na sua imperfeição.

A corporeidade serve como referência fundamental em todas as questões éticas, políticas, econômicas, educacionais e teológicas. Não só porque a corporeidade nos mantém em processo de vitalidade (como nos lembra o Hebraico, somos *nephesh chayyah*, seres vivos), mas também porque, nesta corporeidade viva somos um processo de vitalidade sumamente complexo e relacional. Só quando nos damos conta disso é que podemos reconhecer os corpos reais através da interdependência entre todas as pessoas do mundo, entre os seres vivos e não vivos do planeta. Este reconhecimento nos dá a certeza de que estamos interligadas nos possibilita uma atitude de solidariedade ativa.¹⁰ Eu chamo esta percepção, esta vivência, de espiritualidade encarnada.

⁸ *Ibid.*, 74-.

⁹ Veja minha reflexão sobre em DEIFELT, Wanda. “O corpo em dor: análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo.” In *À flor da Pele: Ensaios sobre Gênero e Corporeidade*, editado por Marga Ströher, Wanda Deifelt & André Muszkopf, 15-36. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

¹⁰ ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e Sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2003, 3ª edição, p. 81.

Estudos da Deficiência

No material elaborado para a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência encontrei esta oração, um Kyrie:

“Elevamos a Ti, Senhor, o nosso clamor para que a sociedade nos enxergue como tua imagem e semelhança. Clamamos por menos olhares de preconceito e mais olhares de compaixão e cuidado. Clamamos por menos barreiras físicas que nos impedem de ir e vir e por mais acessibilidade que possibilite nossa autonomia. Clamamos para que vejam menos nossas deficiências e mais os nossos dons e talentos. Clamamos por menos atitudes que nos incapacitam e por mais estímulos e incentivo para exercermos nossa cidadania e ajudar a construir um mundo mais inclusivo. Kyrie eleison.”¹¹

Um dos eixos temáticos deste congresso é a criatividade. O programa de pós-graduação das Faculdades EST, através do IEPG, ajudou a articular a realidade das pessoas com deficiência e a vislumbrar possibilidades de reflexão teológica com pelo menos três teses ou dissertações sobre o tema. Certamente há outras, mas estas em particular vieram também com um recorte de gênero e uma abordagem feminista. O trabalho de Lára Müller sobre aconselhamento pastoral serviu como base para muitas atividades intra e extra eclesiais. O da Mary Rute Esperandio questionou a exclusão de pessoas com deficiência intelectual da prática sacramental do batismo, na igreja batista. Neli Maske refletiu sobre sua própria experiência, ao conhecer o diagnóstico médico da filha, com paralisia cerebral. Estas pesquisas participativas me marcaram pela franqueza com que se tratam a realidade de sofrimento, dor, alegria e esperança – e a honestidade com que falam de deficiências físicas e mentais da primeira até a última página.

Os estudos avindos de pessoas com deficiência carrega uma tensão criativa entre o pessoal e o político, o existencial e o relacional, as sequelas que marcam o corpo de uma criança devido a um parto sem a assistência necessária e a realidade inquestionável desta criança ser fonte de vida e renovação diária de esperança e alegria. Os estudos da deficiência demonstram que as limitações não são só uma questão física ou mental, mas são acima de tudo construções sociais. Por muito tempo a prática médica e psiquiátrica colocou ênfase nas limitações psicomotoras. A solução foi a

¹¹ SILVA SOARES, Emanuela; SILVA, Rosilei de Fátima. *Kyrie Eleison*. In: VIVER: Dons e limites a serviço. Semana da Pessoa com Deficiência. Programa Diaconia Inclusão da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB, IECLB, 2021. Disponível em: https://aplicativosieclb.org.br/docs/Semana%20da%20Pessoa%20com%20Deficiencia_em_alta.pdf Acesso em: 14 Set. 2022.

medicalização. Recentemente, porém, o enfoque tem sido sócio-analítico, com ênfase na inclusão e na reivindicação de direitos.¹²

Trata-se de um campo rico e ainda em desenvolvimento, mas que nos ajuda a entender a corporeidade. Uma das falácias acerca do corpo humano é que ele é perfeito, que responde às vontades da mente e que a saúde está sempre à disposição (como a indústria farmacêutica também apregoa). Mas a verdade é que o corpo – os muitos corpos que habitamos – também são frágeis. Eles são resilientes, sim, mas também são vulneráveis. E nos faria bem dar-nos conta de que, na verdade, somos somente temporariamente hábeis. Em outras palavras, nossos corpos individuais nem sempre vão ser autônomos, a estabilidade dos nossos corpos sociais e políticos podem ser abaladas por autoridades fascistas, o corpo cósmico – nossos ecossistemas – correm o risco de um homicídio diante de mudanças climáticas.¹³ Por sua fragilidade, o bem-estar não é garantido e nem pode ser assegurado.

Os estudos da deficiência são construídos sobre o alicerce da vulnerabilidade. A concepção de deficiência tanto a partir da incapacidade como de impedimento pode ser melhor entendida a partir de uma noção antropológica, teológica, filosófica da diferença e da alteridade. Ou seja, não se trata de minimizar nem de tornar exótico, mas de reconhecer a diferença como uma realidade. Isto continua sendo um desafio e objeto constante de debates – por exemplo a inclusão no contexto escolar brasileiro. Ainda buscamos meios de integrar capacidades e criatividade a partir dos vínculos humanos, refletindo teologicamente acerca do sofrimento sem, contudo, reduzi-lo à passividade.

Também é importante que o pêndulo não vá ao lado oposto, onde se espera que toda pessoa portadora de deficiência seja um modelo de superação, como se sua vida só tivesse valor com uma medalha nos jogos paraolímpicos. Sempre de novo é necessário questionar e desconstruir.

Algumas das contribuições nesta direção são encontradas na terapia feminista de família. Este modelo parte de uma desconstrução dos valores normativos (dualistas) e propõe uma redefinição dos papéis sociais a partir da teoria feminista, utilizando o referencial das relações de gênero e das relações de poder.¹⁴ Por exemplo, questiona-se atitudes comuns nos casos de pessoas

¹²J. DAVIS, Lennard. Ed. *The Disability Studies Reader*. Florence: Taylor & Francis Group, 2013.

¹³ JORGERSEON, Kiara A.; G. PADGETT, Alan. eds. *Ecotheology: A Christian Conversation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2020.

¹⁴ Veja, por exemplo, o artigo de NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida. *Psicol. clin.* [online]. 2007, vol.19, n.2, pp. 117-131. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-5665.

que requerem atenção especial quando o cuidado é responsabilidade exclusiva da mãe, engendrada por uma cultura (e por que não dizer uma teologia) que culpabiliza a mulher, fomenta a dependência das filhas e dos filhos que têm alguma forma de deficiência, leva ao distanciamento paterno e, não raro, da própria família ampliada. Em resumo, ao invés de enfatizar as potencialidades e capacidades das pessoas com deficiência reduz-se a sua existência às suas necessidades especiais.

O que os estudos da deficiência nos ensinam é que a corporeidade é muito mais do que o corpo humano em seu pleno vigor. Como num filme, o vigor físico e mental são somente algumas imagens no rolo das nossas vidas. Por isto a ênfase precisa ser na dignidade em cada estágio da vida, estabelecendo o contraste entre o ideal e o real, abrindo espaço para a diversidade.¹⁵ Afinal, nenhum ser humano consegue se "enquadrar" em uma noção do corpo perfeito e isto relativiza todas formas corporais – inclusive o corpo das pessoas portadoras de deficiência. O que permeia as relações não é a idealização estética, mas a valorização do corpo real, sofrido, dolorido, mas também alegre e cheio de vida.

Uma espiritualidade encarnada

Lembro de uma poesia da Cora Coralina, intitulada “Aninha e suas pedras”.

“Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha

um poema.

E viverás no coração dos jovens

e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas

e não entres seu uso

aos que têm sede.”¹⁶

¹⁵ SILBERMAN, Steve. *NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*. New York: Avery/Penguin Random House, 2015

¹⁶ CORALINA, Cora. “Aninha e suas pedras.” In *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 3ª edição. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985, p. 139.

Sempre admirei os poemas de Cora Coralina pela sua linguagem simples e tom coloquial, como se ela estivesse dando conselhos em um espaço de intimidade e partilha. Eu a imagino como minha avó, sentada em sua cadeira na varanda, pensando na vida e tentando achar graça no meio de tanta desgraça. Minha avó nasceu com uma perna mais curta do que a outra, uma seqüela do parto. Ela nunca falou com amargura sobre sua condição – talvez porque este tipo de assunto não fosse conversa de criança ou porque, segundo sua tradição cultural, não se deve reclamar da vida.

No entanto, como no poema “Aninha e suas pedras”, minha avó incutiu em nós a mesma resiliência em que Cora Coralina insiste. Apesar dos pesares, é preciso tentar outra vez, não esmorecer ou se deixar apagar. Mesmo quando parecemos não ter mais forças, encontramos forças em quem nos carrega e dá suporte. Quando o corpo pessoal, individual, faltei-a, é o corpo social, coletivo, que o embala na rede. E imagino este cuidado assim, como uma rede armada à sombra de duas árvores, em que nos embalamos nas tardes preguiçosas de verão. Às vezes são outras pessoas que nos cuidam, que nos embalam. Quando estamos bem, somos nós que cuidamos e embalamos as demais.

É possível refletir sobre a corporeidade fazendo uma releitura dos nossos corpos como sendo temporariamente hábeis, pois nossos corpos não são máquinas inquebráveis. Este é um dos lembretes articulados pelos estudos da deficiência: cada qual tem suas limitações – algumas visíveis, outras invisíveis. Reconhecer nossas vulnerabilidades é o que abre espaço para a resiliência. É na vulnerabilidade que encontramos Deus.¹⁷ Assim, a deficiência não é sinônimo de impedimento mas uma contribuição para reelaborar os construtos sociais da autoestima, cidadania e de uma espiritualidade autêntica, integrada, encarnada.

Uma espiritualidade encarnada nos permite identificar como pecaminosa a exclusão social causada por atitudes discriminatórias ou barreiras sistêmicas que impedem o crescimento e afirmação de todos seres vivos. Uma espiritualidade encarnada nos lembra que a o corpo é muito mais do que vitalidade física, capacidade psicomotora ou limitações funcionais. Como observa Mayra Rivera, “A constituição do meu corpo em relação ao mundo social-material implica ação – alcançar os outros, interpretar o que percebo e responder.”¹⁸ Ou seja, a ênfase da espiritualidade se encontra na relacionalidade, na dinamicidade das relações de interdependência e vivência comunitária.

¹⁷ EIESLAND, Nancy. “Encountering the Disabled God.” *PMLA/Publications of the Modern Language Association of America* 120, no. 2 (2005), pp. 584-86.

¹⁸ RIVERA, Mayra. *Poetics of the Flesh*. Durham: Duke University Press, 2015, p. 149.

É possível vislumbrar uma espiritualidade encarnada reinterpretando nossos corpos como sendo apenas temporariamente hábeis e capazes. O que é permanente é a fragilidade da vida. Muitas vezes tentamos encobrir nossas vulnerabilidades como se fossem uma vergonha.¹⁹ Uma espiritualidade encarnada nos liberta da ideia de um corpo e uma mente que não podem vacilar ou falhar, que nos força a esconder nossas fragilidades e fraquezas. Em nome dessa autossuficiência, deixamos de pedir ajuda quando precisamos ou deixamos de praticar o cuidado pelo bem-estar dos demais.

Aprendemos que é necessário uma aldeia para educar uma criança, uma rede para sustentar e acolher quem tem necessidades especiais, e um mundo inteiro em busca do bem comum para salvar o planeta que chamamos de casa.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *The Use of Bodies*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 3ª edição. Piracicaba: UNIMEP, 1995, 67-68.

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e Sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2003, 3ª edição, p. 81.

CORALINA, Cora. "Aninha e suas pedras." In *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 3ª edição. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985, p. 139.

DEIFELT, Wanda. "O corpo em dor: análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo." In *À flor da Pele: Ensaio sobre Gênero e Corporeidade*, editado por Marga Ströher, Wanda Deifelt & André Musskopf, 15-36. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

EIESLAND, Nancy. "Encountering the Disabled God." *PMLA/Publications of the Modern Language Association of America* 120, no. 2 (2005), pp. 584-86.

GEBARA, Ivone. "Caminho da torre, caminho das aldeias". In: *Tempo e Presença*. Nº 322, março/abril de 2002, 28-29.

J. DAVIS, Lennard. Ed. *The Disability Studies Reader*. Florence: Taylor & Francis Group, 2013.

JONES, Serene. *Trauma and Grace: Theology in a Ruptured World*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2009.

JORGERSEON, Kiara A.; G. PADGETT, Alan. eds. *Ecotheology: A Christian Conversation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2020.

¹⁹ JONES, Serene. *Trauma and Grace: Theology in a Ruptured World*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2009.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida. *Psicol. clin.* [online]. 2007, vol.19, n.2, pp. 117-131 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-5665.

RIVERA, Mayra. *Poetics of the Flesh*. Durham: Duke University Press, 2015, p. 149.

SILBERMAN, Steve. *NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*. New York: Avery/Penguin Random House, 2015

SILVA SOARES, Emanuela; SILVA, Rosilei de Fátima. Kyrie Eleison. In: VIVER: Dons e limites a serviço. *Semana da Pessoa com Deficiência*. Programa Diaconia Inclusão da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB, IECLB, 2021. Disponível em:

[https://aplicativosieclb.org.br/docs/Semana%20da%20Pessoa%20com%20Deficiencia em alta.pdf](https://aplicativosieclb.org.br/docs/Semana%20da%20Pessoa%20com%20Deficiencia%20em%20alta.pdf)

f Acesso em: 14 Set. 2022.